

## Para além das quatro linhas

Guilherme Quaresma Gonçalves<sup>1</sup>

Muitos falarão da contribuição acadêmica do professor José Alberto Magno de Carvalho. Sem dúvidas, ele foi um acadêmico ímpar. Além de toda a sua importância para o crescimento da demografia no Brasil, dentro da Associação Brasileira de Estudos de População (ABEP) e do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional (Cedeplar) da Faculdade de Ciências Econômicas, ele formou inúmeros demógrafos ao longo de sua carreira como professor no Cedeplar e continuou a formar, mesmo depois da aposentadoria compulsória. O professor José Alberto certamente foi uma das pessoas mais didáticas que conheci. Tinha a capacidade de falar por uma hora e meia sem se quer escrever no quadro. Quando percebíamos, a aula já tinha acabado. Esta capacidade de prender a atenção do aluno, somente com as palavras e as longas caminhadas na sala, certamente era uma das suas características mais marcantes.

Entre 2016 e 2019, tive a oportunidade de ter sua orientação ao longo da minha tese de doutorado, defendida no Cedeplar/UFMG. Foram inúmeras reuniões e discussões nesse período. O mais interessante é que podemos contar nos dedos das mãos o número de reuniões e almoços nos quais discutíamos, efetivamente, a tese. Claro, por vezes ele me chamava à sua sala para pequenas conversas, *insights* e, principalmente, para corrigir o meu português nas versões preliminares. Quando via um dado que o incomodava, sempre me ligava para questionar. Pegava a sua famosa calculadora e fazia as conferências. Aliás, quem já produziu com ele sabe bem como era avesso a computadores e focava no seu dicionário e na ponta do lápis para traduzir sua mente brilhante em palavras.

Em muitos desses chamados à sua sala, o que ele queria mesmo era fazer uma simples pergunta: “Ô Guilherme, como estão as coisas? Você viu o jogo ontem?” Para mim, essas foram as horas mais preciosas na companhia do professor José Alberto. Este era aquele momento em que ele não era o José Alberto, expoente da demografia brasileira e latino-americana, professor e orientador, mas simplesmente o Zé, atleticano, nascido em São Vicente de Minas, apreciador de um belo ora-pro-nóbis e uma cachacinha. Aliás, as suas famosas verduras, que ele distribuía entre professores e alunos, foram o nosso primeiro elo.

Por horas conversávamos sobre como foi o final de semana, sobre os jogos de Cruzeiro e Atlético (aqui, vale um parêntese, sempre brincamos com as diferenças, mas ele nunca mencionou o final de 2019), sobre nossas famílias... Muitas histórias eram contadas sobre São Vicente de Minas, sobre a sua neta Maria Flor, sua “roça”, sobre as aventuras na Inglaterra, quando saiu para fazer o doutorado em plena década de 1970, sobre a dona Mariquinha... No fundo, o que ele mais valorizava era um bom dedo de proza e aproveitava isso para me desligar de todas as minhas angústias e ansiedades. Sem dúvidas, o Zé era um ser humano incrível! Sabia exatamente quando nos acalmar, o que dizer, o exato momento de nos dar um conselho, de puxar as orelhas, de cobrar... A falta desses conselhos certamente será sentida por aqueles que conviviam com ele no dia a dia. Claro, ele produzia no auge de seus 79 anos de pura experiência, com anseios para continuar suas singelas contribuições à academia, como ele mesmo as definia, mas nada

---

<sup>1</sup> Cientista de dados na A3Data Consultoria; residente Pós-Doutoral no Departamento de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

fará mais falta do que esse seu jeito humilde e acolhedor. Com o Zé, aprendi o valor das relações interpessoais e o quanto a família é o nosso pilar.

Infelizmente, veio a pandemia causada pela Covid-19 e no dia 27 de outubro de 2020 mais uma vítima, mesmo que indireta, foi tomada por ela. Certamente o Cedeplar o mantinha ativo, assim como as lições de matemática com a Maria Flor e os seus artigos inacabados. Até o fim, assim como sua família, essas eram as fundações que o fizeram lutar pela sua vida. Aliás, grande luta travada por ele. Enquanto os médicos entendiam que a hora chegava, ele continuava lutando e mostrando traços de sua fibra e sua teimosia (aqui se abre um último parêntese – quem conheceu o Zé sabe o quão forte eram suas opiniões e posicionamentos). Infelizmente, essa foi sua última batalha e, certamente, a mais árdua de todas elas. Vá em paz, Zé! Você será sempre lembrado por meio de sua esposa, filhos(as), netos(as), amigos e alunos.